Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA
50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR
Anno ou 52 numeros, 2$500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

ANNO II — 23 DE ABRIL DE 1882 — N.° 9

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.°

ASSIGNATURA
BRAZIL
Anno ou 52 numeros, 7$000 réis; semestre ou 26 numeros 4$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2$000 rs.; avulso 200 rs.
São agentes da empreza no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS:—João Sebastião Bock, em Postdam. A esmola da viuva. O campo de trigo. O desmaio (gravura do romance)
TEXTO:—Actualidades, por Mané. As nossas gravuras, por P. C. Horas d'ocio. Rosicler, por Cyprianno Jardim. Scenas da vida rustica, por Zacharias d'Aça. Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

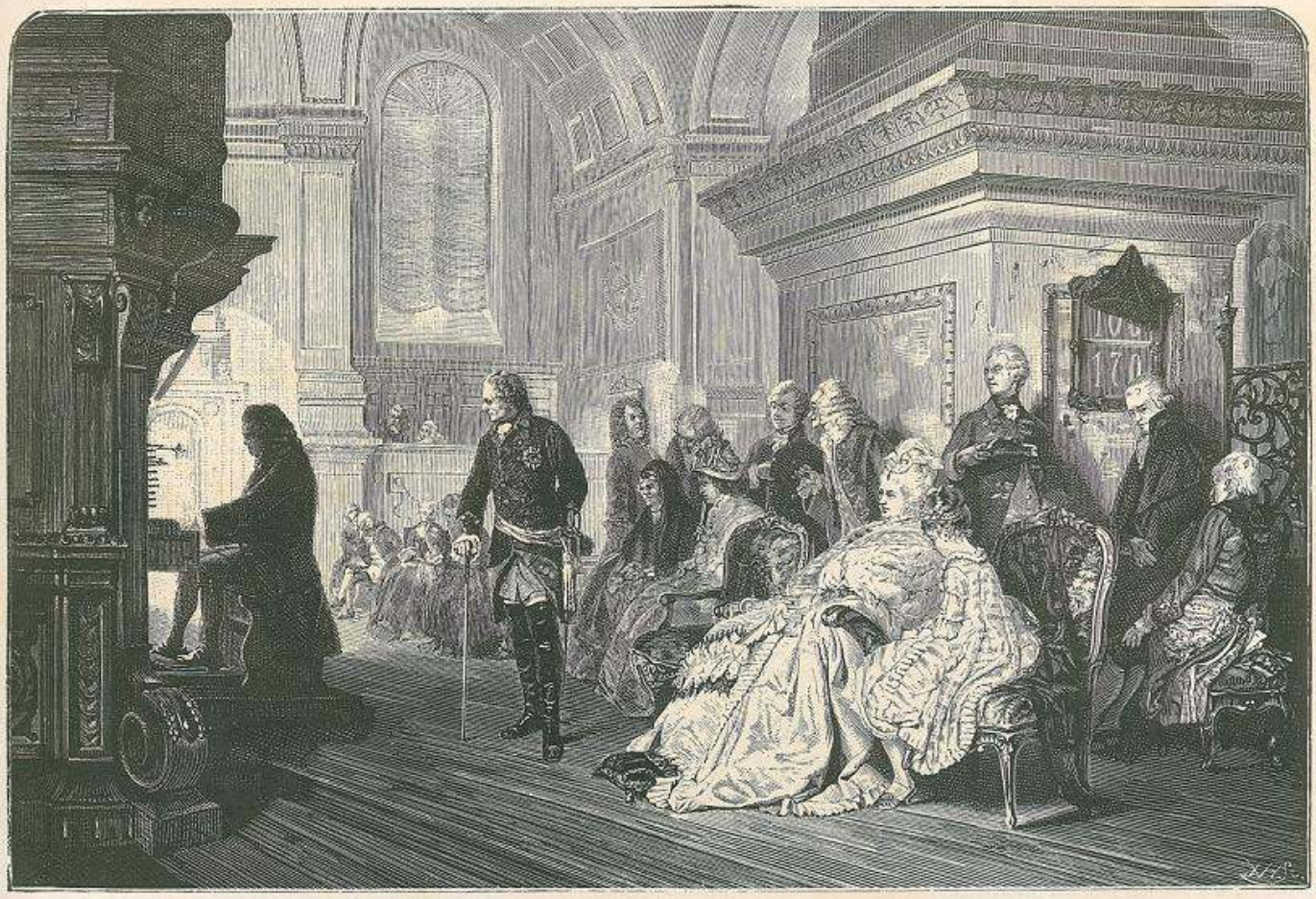
O acontecimento extraordinario d'esta semana foi a chegada a Lisboa d'uma das primeiras actrizes do theatro francez—Sarah Benhardt.

Todo o mundo conhecia de nome a actriz que interpretára d'uma maneira verdadeiramente deslumbrante a *Dona Sol* do *Hernani*. Todo o mundo tinha vontade de a conhecer, de a ver representar. Ella satisfez a curiosidade geral, e foi assim que um bello dia se metteu a bordo d'um vapor e foi assustar o espirito *yankee* com a sua vigorosa originalidade.

Obtidos na America os applausos e os duzentos e tantos contos que constituem a sua fortuna, de novo regressou a Europa, e a sua peregrinação todos a conhecem certamente.

Ultimamente em Madrid recebeu ali um telegramma do emprezario do Gymnasio em que era convidada a acceitar uma escriptura por tres noites para esta casa de espectaculos. Feitos os contractos metteu-se no caminho de ferro, no expresso para Lisboa, e foi assim que nós vimos apparecer á portinhola d'um coupé-leito a sua bonita cabeça loura, o seu rosto comprido e pallido, onde scintillam olhos illuminados pela febre da nevrose, e segundo me disseram á porta do *Martinho*, pela febre do genio; e foi assim que nós a vimos chegar ao caes dos Soldados, levada pelo braço do seu apaixonado Armando, que, mais feliz do que o heroe de Dumas, poude conduzir a sua Margarida até ao templo, e ajoelharem aos pés d'um inglez de barbas resmungando orações sobre aquella cabeça doirada, onde tantas vezes deviam ter cantado em surdina beijos... de admiração; e foi assim que nós a podémos ver, applaudir enthusiasticamente, como só se applaudem os verdadeiros talentos, na *Dama das Camelias*, e ver uma doida multidão seguir-lhe o carro até ao hotel *Bragança*, e ahi romper de novo em estrondosos applausos áquella extraordinaria mulher a quem se devia prohibir o ter monopolisado em si tanto talento junto!...

Andam ahi os jornaes cheios de longas aprecia-



JOÃO SEBASTIÃO BOCK, EM POSTDAM

ções do trabalho de Sarah. É difficil pois, meus queridos leitores, ter o chronista hoje um lado novo da actriz para discutir e para analysar. Mas... relendo de novo os jornaes chego a encontrar uma pequenina ou talvez antes enorme falta nas criticas que se teem publicado. Ninguem ainda tratou de reparar e de apontar a grande conquista do *naturalismo* no theatro ao ver o desempenho que Sarah dá aos seus papeis. Quando eu digo *ninguem* certamente que me refiro só aos criticos portuguezes.

Foi a verdade, a naturalidade do seu trabalho o que mais me surprehendeu.

Quando a actriz entrou em scena e começou a representar, todo o publico ficou por instantes em sobresalto, pasmado. Era na verdade uma surpreza. Quem nos havia de dizer a nós, acostumados aos gestos fataes de certas damas do theatro portuguez, com pretenções a tragicas, que uma actriz em scena havia de ter o atrevimento de usar da mesma despretenção que se tem na vida real? Quem nos havia de dizer semelhante cousa?

A mesma admiração, o mesmo pasmo da platéa, vi eu na physionomia das actrizes que assistiam á *Dama das Camelias*. Francamente, eu estou convencidissimo de que ellas ficaram em duvida se quelles modos de Sarah seriam troça!

. . .

Nas nossas actrizes, quando representam, o publico adivinha o momento em que ellas vão dizer uma longa *tirade* dramatica. Basta apenas um bocadinho de observação. E' ver. A actriz está sentada n'um sophá. A primeira cousa que faz é perfilar-se, depois levanta-se, encosta-se a uma meza, prepara a voz, os braços, as mãos hirtas, e depois, zás! tom de sermão, tom de replica parlamentar—ahi vem a *tirade*!

Sarah parece que nem se lembra de que tal *tirade* existe. Na *Dama das Camelias* é a propria *tirade* que vem ao seu encontro, ou ella esteja proximo d'uma janella, ou junto do fogão, ou em pé no meio da scena, ou sentada na sua *chaise-longue*. E com que naturalidade ella diz as phrases, ella pronuncia as suas palavras! que *nuances* delicadissimas na sua voz melodiosa, toda musical! que realidade nos seus gestos, nos seus movimentos, nas suas interjeições urdas!

. . .

N'esta actriz, as actrizes portuguezas muito teem que aprender e que seguir. Que ellas comprehendam vendo-a, que a mais bella expressão da arte moderna é aquella que tem por fim a reproducção da vida humana, profundamente real, sem emphase e sem rhetorica.

A apparição de Sarah em Lisboa veio confirmar aos verdadeiros artistas que o naturalismo é a mais bella formula em arte, e que Sarah no theatro vale tanto como Flaubert ou como Daudet no livro!...

MANÉ.

AS NOSSAS GRAVURAS

João Sebastião Bach em Potsdam

A scena, que a nossa gravura representa, é copia de um quadro magnifico de Kaulbach, um dos primeiros pintores da moderna Allemanha. Um dia Bach, o famoso compositor allemão foi chamado á côrte da Prussia pelo seu rei omnipotente. Apenas chegou, sem lhe dar tempo a mudar de fato, o rei mandou-o ir a Potsdam, e levou-o á capella onde lhe deram um thema para elle desenvolver no orgão, o que o grande maestro fez de um modo verdadeiramente admiravel O enthusiasmo foi geral, mas Bach, apesar das honras que lhe prodigalisaram, não se quiz demorar na côrte. Este systema militar de lhe forçar a inspiração não agradava ao seu livre genio de artista.

E era assim Frederico II. O grande rei, o rei philosopho, amava e protegia as letras, as artes e as sciencias, com a condição de que manobrariam debaixo das suas ordens como um regimento de couraceiros. Recrutou a sua Academia, recrutou o seu theatro, recrutou a sua orchestra, como recrutava o seu exercito, mandando alliciar sabios, musicos e actores, como mandava alliciar granadeiros, raptando-os quando não queriam ir por vontade, e exigindo depois de todos elles a obediencia passiva. Nenhum dos grandes homens, que chamou para junto de si pôde supportar por muito tempo o peso da sua protecção. Voltaire, que vemos no quadro de Kaulbach por detraz da cadeira vazia do rei, confidenciando algum epigramma ao ouvido de um joven cortezão, fugio das delicias e das honras de Potsdam, porque percebeu que não era mais do que um cabo de esquadra litterario, a quem o rei escripturára para lhe ensinar a recruta aos seus alexandrinos. Rimando versos detestaveis, tocando flauta de um modo horripilante, Frederico II queria comtudo dar leis á musica e á poesia. Foi, ao que dizem, um rei philosopho, melhor se exprimia a verdade, dizendo-se que foi um philosopho rei, porque levou para a philosophia os habitos e as tradições da realeza despotica, em vez de modificar com os conselhos da philosophia os desvairamentos e os excessos do despotismo.

O quadro de Kaulbach é verdadeiramente admiravel, porque representa de um modo perfeito o aspecto multiplo d'essa côrte variegada. Entre as princezas que, segundo as leis da etiqueta, o cercam, mas que occupam mediocre logar na existencia do rei da Prussia, estava sentado o rei, que abandonou as suas companheiras para ir mais de perto escutar o artista. Ao fundo Voltaire ri: para um canto um velho general enfastiado espreguiça-se na cadeira. O rei domina todos aquelles varios grupos, em que se symbolisam as varias preoccupações do seu espirito: os musicos, os poetas os generaes.

Accusam Kaulbach de anachronismos graves. Sêlo-hiam se não fossem permittidos a um pintor.

Quando Bach foi a Potsdam, Frederico II tinha apenas 35 annos; era por conseguinte um rapaz, e não o velho que está de pé no meio da scena; Voltaire não era ainda o velhinho chupado que a gravura representa quando esteve em relações de amisade e de convivencia com Frederico II. Mas isso importa pouco: o artista pode perfeitamente approximar os vultos de que precisa para a composição do seu quadro e para nos dar a sensação de verdade historica que procuramos.

A esmola da viuva

Vide o romance adiante publicado.

Um campo de trigo

É uma d'estas paizagens que encantam os olhares, que descançam a alma n'um molle scismar, e que nos transportam a plena vida rural.

Quantos objectos reunidos n'esta deliciosa paisagem!

No primeiro plano um caminho onde se vê um rebanho de carneiros seguido pelo seu fiel guarda; um limpido regato onde bebe um pequeno pastor, cujas cabras pastam a pouca distancia; depois, de cada lado um monticulo coberto de magnificas arvores cercadas de flores e plantas; mais longe um campo de trigo e ceifeiros; ao fundo um castello em ruinas e uma casa affogada em verdura. Tudo isto illuminado por um bello sol poente, que innunda com os seus raios um ceu tranquillo e ligeiramente nebuloso.

A ESMOLA DA VIUVA

I

Entre as meninas, que se distinguiam em Florença pela sua belleza e pela sua virtude, ha uns vinte annos, figurava uma orphã chamada Judith Eduano.

Sua mãe pertencia a uma familia judia convertida ao catholicismo; seu pai era hespanhol, e ella reunia em si o typo mais perfeito da raça israelita e da raça andaluza.

Quando morreram seus pais, que uma epidemia roubara em poucos dias, foi recolhida por uma tia. que velou por ella como se fosse sua filha, e lhe confiou o cuidado do pequeno commercio de estampas, cujo producto a sustentava.

Um honrado rapaz, chamado Ottavio Marcomano, gravador em madeira, enamorou-se da formosa Judith, e obteve a sua mão.

Os primeiros annos d'esse casamento foram felizes, o joven marido trabalhava altivamente e gostava de estar em casa, duas condições de felicidade para o operario. Teve infelizmente a desgraça de ver os seus melhores amigos apaixonarem-se pela politica e entrarem n'uma sociedade secreta; deixou-se arrastar por elles e d'ahi por diante mudou completamente de proceder, deixando de trabalhar, e vindo sempre tardissimo para casa.

Ao doce bem estar não tardou a succeder a miseria, á igualdade de genio o mau humor e a colera; á affeição conjugal a brutalidade.

O gravador chegou insensivelmente a tal grau de aviltamento, que os proprios que o tinham arrastado para essa vida de desordem afinal já o renegavam, e teve elle de procurar os seus companheiros na escoria de Florença.

Differentes roubos commettidos por individuos que o frequentavam chamaram para elle a attenção, e fizeram com que o suspeitassem de cumplicidade, apesar de não ter sido preso por falta de provas.

Seria impossivel exprimir tudo quanto soffria a pobre Judith, que tinha alma altiva, e a quem o ceu concedera dois filhos, que eram a um tempo a sua consolação e o seu tormento, porque muitas vezes não tinha pão para lhes dar

II

Uma tarde, aqui ha mezes, Ottavio Marcomano entrou em casa mais sombrio e mais agitado do que de costume; parecia tremer com febre e tratou logo de se deitar.

A pobre mulher ficou assustada ao vel-o debater-se no somno, e ao ouvil-o soltar gritos inarticulados.

Não duvidou de que tivesse representado qualquer papel em algum acontecimento sinistro.

No dia seguinte Ottavio declarou-se doente, muito doente. Judith mandou a sua pequena Lucia, que tinha então oito annos, chamar um medico. Este reconheceu no doente um principio de febre cerebral, e receitou diversos remedios; mas como arranjal-os?

Já se devia muito dinheiro ao unico boticario de quem se podera obter credito.

Era dolorosa a perplexidade da infeliz companheira do gravador, quando a sua filhinha lhe disse que mexendo no fato do pae, vira cair uma moeda de ouro que tornára immediatamente a metter nas algibeiras.

N'esse momento o doente parecia immerso em completo torpor. Judith, não querendo acordal-o, metteu a mão na algibeira designada e tirou uma moeda de vinte liras.

Mas viu logo seu marido sentar-se na cama.

—Que está ahi a fazer? exclamou elle com vehemencia.

—Meu amigo, Lucia disse-me que tinhas este dinheiro; não tenho nem um centesimo, e preciso de comprar remedios.

— Nunca, com esse dinheiro nunca... Prefiro morrer... Sim... sim... antes a morte.

Ottavio estava assustador de exaltação.

Sua infeliz mulher respeitou a sua vontade, e, vendendo o annel do casamento, arranjou uma parte dos remedios de que precisava; mas o estado de Ottavio peiorou de tal maneira, que ao terceiro dia expirava, delirando e no meio de horriveis padecimentos.

Alguns dos seus antigos amigos encarregaram-se do enterro, porque viram n'elle um pretexto para fazer manifestações.

A viuva e os seus dois filhos ficaram sem amparo e sem soccorro.

III

No dia seguinte, como não havia nada em casa, Judith pegou na moeda d'oiro para a mandar trocar na visinhança pela sua filha. Mas notou que essa moeda tinha n'uma das faces duas incisões muito profundas, com a fórma d'um X.

Como a creança hesitava em sahir para fazer o recado, Judith interrogou-a.

— Mamã, respondeu ella, o papá não quiz que se tocasse n'essa moeda; até disse que preferia morrer a vel-a servir para comprar remedios.

— Oh! divina infancia! exclamou a viuva, tens muitas vezes inspirações que devem vir do céu. Sim, minha filha, tens rasão, não podemos gastar esse oiro; devemos respeitar a ultima vontade de teu pae, guardaremos a moeda como lembrança.

A pequena Lucia pareceu reflectir alguns instantes, depois tornou:

— Mas, mamã, o papá não gostava de a ver; dois dias antes da sua morte deixei-a cahir no chão diante d'elle, zangou-se muito, gritando: «Esconde isso, esconde isso!»

— E' verdade, minha filha; pois bem, ámanhã pela manhã, sabes o que faremos? Vamos pôl-a no tronco dos pobres, e a alma de teu pae sorrirá sem duvida no céu a esta offerta.

No dia seguinte, que era um domingo, a egreja de S. Lourenço estava cheia de uma multidão piedosa e inundada da quente e risonha luz do bello sol da Italia.

Entre essa multidão, estavam Judith e os seus dois filhos.

Terminados os officios, disse Lucia para sua mãe:

— Mamã, não se esqueça da moeda d'oiro.

A viuva sorriu-se para a gentil creança e foi metter o dinheiro no tronco dos pobres.

Mas as palavras da creança tinham sido ouvidas por alguem, que seguira com os olhos os movimentos da viuva. Era um homem rico e bemfazejo, que pertencia a muitas instituições de caridade. Impressionára-o o contraste que existia entre tão rica esmola e a posição da pessoa que a dava.

O sr. Galiani preoccupou-se com este incidente, e seguiu Judith para saber quem ella era. Contaram-lhe os visinhos a sua historia, e elle ainda mais surprehendido ficou.

IV

Dois dias depois, corria a seguinte noticia por Florença.

Despejando-se o tronco dos pobres da egreja de S. Lourenço, encontrára-se uma moeda d'oiro marcada com um X, que fizera uma impressão tamanha no sr. Galiani, presente a essa operação, que estivera quasi desmaiando.

Interrogado a esse respeito, declarára saber positivamente que seu irmão, quando fôra assassinado n'uma das ruas affastadas da cidade, tinha na algibeira uma moeda semelhante.

Essa moeda era a unica d'oiro, que havia no tronco: logo era a mesma, que elle lá vira metter. Tirou-a, substituindo-a por outra, e foi n'essa mesma noite a casa de Judith, que interrogou instantemente.

A pobre mulher contou-lhe todos os incidentes, que já conhecemos, e fez a sua narrativa com uma sinceridade e uma commoção, que impressionaram profundamente o sr. Galiani. Viu n'isso o encadeamento de circumstancias, que pareciam annunciar uma intervenção providencial, e interessou-se o mais possivel por Judith.

Finalmente a viuva d'Ottavio Marcomano, por ter na sua ignorancia purificado pela caridade o producto do crime, acha-se agora á frente d'uma loja de estampas, que vae prosperando de dia para dia. Entre as gravuras, que tem á venda, vê-se esta de que damos a reproducção, e em que um artista distincto quiz eternisar o mais tocante episodio d'uma historia, que fez muita bulha na antiga cidade dos Medicis.

ROSICLER

Destino

D'onde vens tu, tão tarde, na collina,
Deixar ouvir cantiga enamorada?
E, porque é, que, ao ouvir-te essa ballada,
A minha idéa tanto desatina?

Talvez seja de amar-te a minha sina,
Tanto d'essa harmonia eu vou levado...
Mas a hora do amor... não é chegada...
Bem sabes que ainda sou moça e menina!

Eu, quando cantas, sinto que me prendes
E oiço, e tenho medo...
A escutar uma historia de duendes...

Mas deixo-me ir... levada do descante!...
Que eu bem vejo, ás fallas que desprendes,
Que algum dia heide ser a tua amante!

Cypriano Jardim

HORAS DE OCIO

Metagramma

Vêde, caro leitor, se podeis reunir
um ex-rei—coisa emfim que vos possa cobrir—
um verbo, e tambem cobre—uma boa doceira—
uma pedra—um joguinho, e assim, d'esta maneira,
tereis o metagramma acabado e completo,
se—uma letra, uma só, juntardes do alphabeto.

Abilio Cordeiro

Palavras quadradas

Este bicho, o enlevo das velhas,
Este verbo, que exprime um ruido,
Esta fera, que eu metto no bolso,
Tudo é certo, seguro e sabido.

Juanito

*

Soluções dos problemas do n.º 4

Problema arithmetico—2847. Effectivamente estão satisfeitas as quatro condições: 2+8+4=14; 2+8+7=17; 2+4+7=13; 8+4+7=19.

Pergunta indiscreta— Granada.

Enigma — Bispar.

*

Soluções certas

Problema arithmetico — Abilio Cordeiro, Carmelita, Juanito, Rosa em Botão (Elvas), Pedro José Calhancas (Elvas), Ociosos de caçadores 4, Botão de Rosa (Evora), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Vichná.

Pergunta indiscreta — O adivinnador de Braga, Leonardo José de Almeida Santos (Porto), Emilia Z. (Vizeu), Ociosos de caçadores 4, Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Vichná.

Enigma — Juanito, Nadege (Coimbra), B. C. (Vianna do Castello), Teniers (Santarem), Luiz Maria de Souza, Dois parceiros do Dominó (Porto).

Uma observação curiosa. Nenhuma das soluções que recebemos da pergunta indiscreta era a que o seu author queria, mas todas satisfaziam as condições do problema. Uns diziam que a cidade era *Braga*, por ser signal de escravidão, outros que era *Malinas* e outros que era *Gotha* por se parecer com *Gota*, outros que era *Praga*; nenhum que seria *Granada*. Pois o author da pergunta tambem tinha rasão. As granadas, que estouram nas fileiras de um exercito, não fazem bem nenhum á humanidade.

SCENAS DA VIDA RUSTICA

UMA TRAGEDIA NA CAÇA

A

Raymundo de Bulhão Pato

(Conclusão)

IV

Os terrenos em que se fazia a caçada eram dobrados e trabalhosos, as cepas altas, as varas fortissimas, o chão revolto, o torrão duro como pedra. Para todos os lados os olhos só viam collinas, montes e encostas cobertas de vinhas, e apenas, de longe em longe, uma pequena chapada revestida de matto quebrava com o tom mais negro e carregado da urze a monotonia do verde doirado das grandes massas de vinhedo. O sol subia e queimava: cessara completamente a aragem fria da madrugada, e a cigarra começava a fazer ouvir o seu canto monotono e sêcco. Nuvens de mosquitos e de melgas redomoinhavam no ar, que tremia no alto dos cabeços, e as linhas sinuosas dos montes recortavam-se com dureza sobre o azul vigoroso d'um ceu quasi africano. De quando em quando corria uma brisa, mas era quente e abafadiça; o ar parecia ter passado por uma terra de fogo, e não trazia nenhum refrigerio aos pulmões escandecidos! Era um dia de perdizes!

Ao longe vêem-se reluzir os canos das espingardas: são os nossos caçadores. Na frente da linha os cães brancos malhados exploram ao largo o terreno em todos os sentidos. Caminham todos para cá, e em breve estarão comnosco.

Duas nuvens de fumo, e logo depois o som de

dois tiros dobrados sobre uma banda que se levantou, annunciam-nos que mais duas perdizes entraram na sacca d'um dos habeis atiradores. Param todos e approximam-se do que vinha na ponta esquerda, emquanto elle carregava a espingarda com que acabara de fazer um magnifico *doublé*.

— Como sempre, doutor, disse um dos companheiros comprimentando cordealmente o feliz mortal, que dera mais uma prova da sua destreza.

botões de metal, um collete fechado, calção de veludo côr de vinho, e grandes botas que lhe desenhavam as pernas bem torneadas e musculosas. Usava um chapeu de castor alvadio. Um duplo chumbeiro e um polvorinho de segurança ornavam-lhe a cintura, e n'este momento acabava de escorvar uma magnifica espingarda em cuja fita se lia o nome celebre de Joseph Manton, de Londres.

Fôra este, de todos os hospedes do seu patrão, o atiradores do seu tempo, e não havia reunião de *sportmen* em que não se narrassem as admiraveis proezas dos seus cães e da sua espingarda de 60 moedas, sahida das officinas do grande espingardeiro inglez. As suas opiniões em materia de caça eram um evangelho; os seus tiros reputavam-se infalliveis; ser admittido na roda que elle frequentava e presidia equivalia a um titulo honorifico; caçar na sua companhia era honra a poucos concedida; ser

A ESMOLA DA VIUVA

— Muito obrigado, vinham perto: assim fossem todas.

João de Bittencourt, — o doutor, — que dirigia a caçada por ser dos mais practicos nos sitios, era um homem entre trinta e seis a quarenta annos, de estatura mediana, reforçado, mas enxuto de carnes: uma barba preta e assetinada emmoldurava-lhe o rosto trigueiro, e o bigode farto mas cortado nas pontas, á moda da época, assombreava-lhe a bocca fina e bem fechada, indicio de grande firmeza; os olhos claros e vivos eram cheios de energia e de resolução. Vestia elegantemente uma caçadeira clara com

que mais attrahira as attenções e o olhar experimentado do nosso tio Domingos. Não lhe era estranha aquella figura. Avivando recordações lembrava-se de ter visto o doutor em Salvaterra, que foi antigamente, no tempo das coutadas reaes, uma especie de academia onde se formaram os mais afamados caçadores. Effectivamente o doutor, ao voltar de Coimbra, frequentara assiduamente Salvaterra e Benavente, e conquistara os seus primeiros loiros matando galinholas na Coutada Velha e nas Sesmarias de Sua Alteza.

João de Bittencourt era um dos mais afamados

elogiado por elle nos synhedrios em que se reuniam os mestres ainda era mais raro, e, sobretudo, o mais difficil de alcançar, e que os neophitos consideravam como a honra maxima, era ser presenteado por elle com um cão da sua apuradissima raça: isto correspondia ao bastão de marechal no exercito dos caçadores.

O doutor mandava matar todos os filhos dos seus perdigueiros; reservando apenas algum para si ou para um amigo muito intimo. Não era isto avareza, era amor á pureza da raça, que elle não queria vêr abastardada por caçadores menos escrupulosos.

Um dia que soube que um dos seus criados não executára rigorosamente as suas ordens n'este assumpto, e vendera um cachorro, chamou-o ao seu quarto, tosou-o e despediu-o!

Carregada a espingarda, todos os caçadores retomaram os seus logares, e a ala avançou silenciosa e lentamente pela encosta. Os pointers brancos malhados, uns de preto, outros de castanho ou amarello, das raças de maior nomeada então, francezes de Saint-Germain, inglezes e hespanhoes, rapidos na busca, eram todos o que nós chamamos—espadas de primeira ordem, e a caça sempre abundante. Na frente do nosso heroe trabalhavam admiravelmente dois soberbos pointers brancos e castanhos, e elle seguia-os, attento aos seus movimentos, que denunciavam caça já proxima. Aos primeiros *reparos* d'um d'elles correu o outro e *confirmou-os*; seguiram-se as *mostras*, e de *fiada* em *fiada*, chegaram á *parada* firme: a perdiz tinha *ferrado*. Os cães pareciam duas rochas; apenas um leve tremor denunciava a vida n'aquelles dois animaes.

—Está á Diana, disse o doutor ao seu companheiro da direita. Quer-lhe atirar?

— Muito obrigado, mas parece-me que já se *passou*, e está ao cão.

—Não, replicou o doutor, hade saltar á cadella: ella pára de mais longe, *correm-lhe* mais os ventos do que ao cão. Entra, Diana.

A cadella deu a pancada, e a perdiz levantou-se.

Ouviu-se um tiro, e a ave, que tomara para a esquerda, subiu a prumo, e foi cair dentro d'uma quinta conhecida por ser o couto das perdizes d'aquelles arredores.

— Bravo! Bello tiro! Vae encastellada! gritaram em toda a linha os caçadores enthusiasmados.

—Bom, disse o doutor, aquella está segura, foi cair em casa. Contraria-me um pouco ir buscal-a, porque devemos aproveitar o dia, que está excellente; mas podem caçar esta vinha toda, e depois nos encontraremos lá em cima,— e desceu a procurar a porta da quinta.

Poucos passos tinha elle dado, quando ouviu dois tiros: era um bando que se levantara aos companheiros, e que, depois de deixar uma perdiz, quebrava d'aza, fazendo tambem a sua revoada para dentro da quinta. Apressou o passo, e, chegado ao portão, entrou desassombradamente, como costuma-

O CAMPO DE TRIGO

va, e caminhou rapidamente em direcção á vinha, onde julgava encontrar a perdiz morta; porém, apenas dera alguns passos n'aquella direcção parou, fazendo um gesto de surpreza.

A' porta do caseiro, outr'ora sempre hospitaleira, e onde elle era o bemvindo, apparecera um homem de má catadura, que em tom desabrido interpellou grosseiramente o nosso caçador. Houvera alli mudança recente no pessoal, e o novo caseiro era-lhe completamente desconhecido: o seu aspecto brutal e provocante contrastava com o rosto agradavel e benevolo do seu antecessor. O doutor, emquanto attentára no homem, não lhe respondera, e o Cerbéro, que não era para graças, largou o seu posto e veiu direito ao intruso.

—Quem é você? não ouve? ponha-se lá fóra! foram as primeiras palavras que elle dirigiu ao doutor.

João de Bittencourt mediu o homem, e viu immediatamente que tinha diante de si um d'esses guardas do campo, ás vezes assassinos encartados, que alguns proprietarios ruraes entendem dever encarregar da defesa das suas quintas e herdades, sem se lembrarem do odioso que isto acarreta sobre elles, e dos grandes prejuizos e perigos, que d'ahi lhes podem advir.

—Sou um caçador, e venho buscar uma perdiz que cahiu morta n'aquella vinha, replicou o doutor, como se não tivesse reparado nas palavras e no tom insolentissimo do rustico.

—Qual perdiz, nem qual diabo, você não me embaça a mim! O que você quer é caçar as perdizes aqui da quinta, e então vem deitar-me lôas, a vêr se eu caio. Olhe, isso era bom no tempo do outro: para cá não pega. Rua!

—Já lhe disse o que devia dizer. A perdiz está alli morta, e eu não saio d'aqui sem ella. Foi para isso que vim cá, entenda vocemecê, replicou o doutor, apparentando uma grande serenidade, e principiou a caminhar para o logar que apontára.

Debaixo dos pés se levantam os trabalhos, diz o povo, e é verdade. A resolução do doutor estava tomada: havia de sair d'alli com a perdiz, custasse o que custasse. Era sua, tinha a consciencia do seu direito, e aquella era a primeira vez que lh'o negavam d'um modo tão audaz e insolente. Estava costumado a ser respeitado em toda a parte e não era homem que se deixasse enxovalhar impunemente: não seria aquelle villão que o faria recuar.

O guarda, vendo o movimento do caçador, rosnou uma praga, e de punho cerrado atravessou-se, vociferando, na frente do seu contendor.

—Saia já d'aqui para fóra, seu alma do diabo, — você, cães e tudo,—e depressa, que já não o vejo,— e o rosto negro e barbado até aos olhos do caseiro tinha uma expressão de ferocidade bestial; os olhos injectados pareciam querer sair das orbitas, a voz tremia-lhe, e os gestos eram furiosos.—Sae, ou não sae? rugia elle, chegando, com os punhos cerrados, quasi a tocar na espingarda do doutor.

—Já lhe disse que não saio d'aqui sem a perdiz, e se não quer que eu entre na vinha, leve os cães e vá-m'a buscar. Senão, vou eu...

—Vae? perguntou elle como admirado d'uma tal audacia, e com um sorriso terrivel.

—Vou, e já, respondeu o doutor, dando logo um passo ávante.

—Espere, que eu já lh'a vou buscar,—e dizendo estas palavras o guarda correu á casa: o doutor seguiu-o, mas ainda não tinha dado dois passos no pequeno terreiro que a defrontava, já o homem estava de volta, com uma foice roçadoira, e arremettia contra elle, atirando-lhe estas palavras:

—Toma lá a perdiz,—acompanhadas d'um golpe temeroso á cabeça, uma pancada redonda, como lhe chamam os jogadores de pau, e que dada com uma foice é sempre mortal.

João de Bittencourt conhecia todos os segredos d'aquelle jogo: nas suas visitas a Salvaterra frequentára os melhores mestres do Riba Tejo, aperfeiçoara-se em Lisboa, e nos logares por onde passara tinha deixado recordações da força do seu braço, da sua destreza e agilidade. Deu um salto á rectaguarda, e a foice passou-lhe como um relampago deante dos olhos. Cresceu o outro sobre elle, e atirou-lhe o segundo golpe atravessado, mas tambem não o alcançou, e ao terceiro, que era de ponta, o doutor, furtando o corpo, desfechou.

O estrondo do tiro confundiu-se com um grito: o malvado cahira fulminado. Estava morto!

—Assim o quizeste, disse o doutor, depois de contemplar por alguns segundos o cadaver, que lhe jazia aos pés, e carregou precipitadamente a espingarda. Depois com a physionomia contrahida pela impressão da tragedia de que a sua má fortuna o fizera protogonista, olhou em volta de si, e não viu ninguem. reinava alli o mais profundo silencio.

Deante d'elle sentada estava a fiel Diana com uma perdiz na bôcca. O pobre animal, ouvindo o tiro, partira em direcção á vinha, e de lá trouxera a causa innocente d'aquella tragica aventura.

—Dá cá, Diana, disse o caçador, voltando-lhe as costas, e pegando na perdiz, relanceou os olhos á casa solitaria do guarda, e seguiu apressadamente pela rua larga da quinta, depois metteu-se pelas terras de semeadura e d'ahi passou ás vinhas. Caminhando com passo rapido em breve chegou ao portello, que dava sahida para os campos, transpol-o, e achou-se logo no meio dos seus companheiros.

—Então sempre aproveitou o passeio, disse um d'elles, nós cá ouvimos um tiro.

—Sim, foi um perdigão. Lá ficou, respondeu o doutor laconicamente e com uma expressão singular, de que depois elles nunca mais se lembraram sem um calafrio, quando narravam o tristissimo episodio d'aquella caçada.

Um perdigão! Que fibras as d'aquelle homem!

A caçada continuou animada e brilhante, mas, já para o fim da tarde, os amigos do doutor repararam que elle ás vezes não atirava ás perdizes que se lhe levantavam, e parecia distrahido, elle, o mais lesto e prompto de todos os caçadores!

Findara o dia. Ouvia-se o tilintar das campainhas dos rebanhos que recolhiam da serra. O sol desapparecera detraz dos montes. Ao passar por uma modesta ermida, cujas portas estavam abertas, João de Bittencourt deu a espingarda a um dos companheiros, e dizendo-lhe:

Vamo-nos pôr bem com Deus, entrou e ajoelhou.

Dava as Ave Marias a sineta da ermida, e o som melancholico do bronze christão, chamando os fieis á oração da tarde, perdeu-se lentamente na atmosphera triste dos campos abandonados!

. . . . . .

No dia seguinte espalhou-se no sitio a noticia de ter sido encontrado morto com um tiro o Miguel Maltez, caseiro da quinta, e tempos depois o tio Domingos, que sabia tudo, contava na cosinha aos trabalhadores reunidos em volta da lareira, a historia da perdiz e do *perdigão*.

30 de março de 1882.

ZACHARIAS D'AÇA.

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(*Continuado de pag.* 64)

III

O ferido na guerra de 1870 esteve mais de uma hora a conversar com Desherbiers, a mulher e Paulina. Despediu-se deixando-lhes o seu bilhete de visita, e promettendo voltar.

No bilhete lia-se: *O Visconde Donaciano de Monaville.*

Em toda a conversação mostrou-se elle espirituoso e amavel; produziu no velho Desherbiers a mais favoravel impressão, e comprehende-se que muito concorreu para isso o titulo, que acabava de exhibir.

Quando regressava a Givet, encontrou o pintor V, com um album debaixo do braço. Já tinha tido ensejo de conversar com elle varias vezes nos seus passeios, e deu-se pressa em referir-lhe o encontro, que tivera com a sua encantadora discipula e o mais que passára. Aproveitou a circumstancia para interrogar habilmente o artista ácerca dos Desherbiers.

—Sei apenas, respondeu V., que são parisienses, e que tendo vindo para a Belgica nas vesperas do cerco, decidiram ficar até hoje.

—E os motivos?

—Não sei, mas julgo que receiam tornar a entrar em Paris... Elles não são sós... Quanto ao mais são gente muito honesta, de excellente educação, e senhores de boa fortuna... já vi nas mãos do avô titulos de um valor consideravel.

—E sabe a quanto montavam?

—Não; limitei-me a olhar, e por isso é que avanço o que acabo de dizer.

A noite ia cahindo quando o visconde chegou a Givet. Dirigiu-se para o *hotel da Ancora*, e depois de perguntar se o sr. San Marco já tinha entrado, sendo-lhe respondido affirmativamente, subiu para os seus quartos, que eram em numero de tres, e no primeiro andar.

No quarto do meio, uma especie de sala, escrevia n'uma mesa um homem, que representava ter cincoenta annos, cabellos grisalhos muito curtos e barba escura tão farta, que além da testa muito proeminente só se lhe descobria no rosto um nariz em fórma de bico d'aguia, porque os olhos estavam escondidos por oculos azues.

—Ainda bem que chegáste, disse elle com uma accentuação italiana pronunciadissima, pondo a penna de lado; em quanto passeias, trabalho eu. Ahi tens, lê!...

E deu ao visconde uma carta, que este leu com visiveis signaes de contrariedade.

—Já vês, disse o outro, que é preciso abalar o mais depressa possivel; estamos entre dois fogos... Além d'isso, não temos mais que fazer aqui.

—É um fatal contratempo, Luigi. Posso sahir de Givet, mas preciso absolutamente de ir viver para os arredores.

—Para pescar á linha?

—Não; não se trata d'isso.

Contou-lhe que tinha encontrado e acompanhado Paulina.

—Muito bem, disse o italiano: mas que quer isso dizer?

—Que é uma mulher superior que me causou uma impressão extraordinaria.

—Estás doido?

—Não; ella já me tinha visto em Bruxellas; tambem lhe causei impressão...

—Então, bem vae o negocio!

—E que bello negocio! A rapariga é unica her-

deira do avô e este é riquissimo; traz na carteira valores consideraveis.

— E se tudo isso não fôr sonho, já pensaste nos obstaculos?

— Deixemos o que está para vir, e cuidemos do presente... Eu não posso retirar-me para longe.

— Queres ficar talvez?

— N'essa não caio eu! Vou para Dinant, continúo a pescar, e deixo vogar o barco... até que elle me conduza á praia feliz e socegada do casamento.

— E não vês, que apezar de todas as precauções, hão de seguir-te, e que portanto vaes jogar uma carta muito arriscada?

— Tenho um plano habilissimo, e hei de triumphar com elle, e com os conselhos que me ha de dar a tua amisade e o meu travesseiro. Vamos ceiar.

IV

No dia seguinte Donaciano de Monaville e Luiz de San Marco, estavam na sala em que os vimos conversando.

Almoçaram, pagaram a conta, gratificaram o criado, e dizendo que iam para Paris, metteram-se n'uma carruagem, dirigiram-se para a *gare*, e compraram bilhetes para Mezière. Depois de chegarem a Hastière, Donaciano tomou passagem para Dinant, e San Marco para Bruxellas.

Na tarde d'esse mesmo dia appareceu em Givet um estrangeiro, ainda novo, elegantemente vestido, de proporções herculeas. Pediu informações de dois sugeitos, que pela indicação eram Donaciano e Luigi. Disseram-lhe que esses dois homens moravam no *hotel da Ancora*. Foi immediatamente procural-os, e não poude occultar a contrariedade, que experimentou, sabendo que tinham ido para Paris. Informou-se do seu comportamento em Givet; mas o dono do hotel, que só tinha que elogiar os dois hospedes, disse apenas que elles tinham vindo em viagem de recreio visitar o paiz, e que se limitaram a isso.

O estrangeiro partiu no primeiro comboio para Reims, d'onde viera.

Donaciano hospedou-se em Dinant no *hotel da Cabeça d'ouro*, onde recebeu uma pequena mala expedida por San Marco. A mala trazia roupa branca, dois fatos completos, um muito simples, outro mais elegante, um album para desenhar e apparelhos de pesca.

O visconde, que se apresentava como paisagista, conquistou as sympathias dos companheiros do hotel, e dois dias depois da chegada foi a Hastière visitar os Desherbiers, que a muito custo o reconheceram. Estavam habituados a vel-o com a barba crescida e um fato extremamente velho, e agora viam-no bem escanhoado, e trajando com irreprehensivel apuro.

Foram todos passeiar ás margens risonhas do Ermeton. Donaciano repetiu a visita no dia seguinte, e encetou o capitulo das explicações. Por ora basta que saibamos que disse ter nascido na Sicilia, nos arredores de Palermo, para onde sua mãe tinha ido passar algum tempo com a familia. O pae era de Metz, e elle proprio fôra educado n'esta cidade até aos quinze annos; passára depois para um collegio em Paris, ficára orphão, e viajára por differentes paizes.

Não disse uma palavra no tocante á sua fortuna, o que foi por extremo agradavel ao velho Desherbiers, que via n'isto um sentimento de modestia e delicadeza, e bem assim no modo como o visconde se apresentou como simples soldado ferido na batalha.

Euphrasia, mulher de Desherbiers, estava encantada com o sr. de Monaville; devorava-o com os olhos, fazia-lhe os comprimentos mais emphaticos, e quando o ouvia fallar, juntava as mãos dizendo: «que homem! que homem!»

Esta amabilidade, longe de agradar, contrariava aquelle, a quem era dirigida, porque a gorda burgueza não o deixava um minuto só ao pé de Paulina, o que o obrigava a manter-se no terreno das banalidades. Encontrando porém occasião propicia, o visconde declarou commovido á rapariga que a amava desde o primeiro encontro, pedindo licença para confessal-o aos avós.

Paulina, que esperava a declaração, não poude disfarçar o que tambem sentia, e concedeu a sollicitada permissão.

Desherbiers escutou com reserva a communicação do visconde, mostrando-se comtudo favoravelmente disposto, e com tenção firme de indagar e informar-se sobre quem era o pretendente de sua neta. Donaciano por sua parte procurou tambem saber com certeza a fortuna e posição da familia, a que desejava ligar-se.

V

Paulina tinha o maior desejo de ver a fortaleza de Givet; e um dia patenteou ao visconde esse desejo, que tambem era o do avô.

— Ora, não vale a pena, respondeu Donaciano! É muito melhor ir passeiar para os lados de Anseremme; é um formoso logar situado na embocadura do Sena, um rio celebre pelas suas grutas, pelos vestigios descobertos do homem pre-historico... Além d'isso tenho de jantar lá hoje com alguns amigos...

— Mas nós queremos ver o forte de Charlemont, disse Paulina.

— É muito difficil penetrar na fortaleza.

— Visitaremos apenas a cidade.

— Bem. Ámanhã então virei antes das dez horas para visitarmos as margens do Lessa.

Desherbiers, a mulher e a neta depois de percorrerem a cidade, foram jantar ao *hotel da Ancora*, onde fallaram do visconde Donaciano de Monaville, de quem o hospedeiro fez o elogio.

No dia seguinte o visconde chegou a Hastière no comboio das nove e meia, que se cruzou com o que vinha de Givet. Quando ia apeiar-se, poz a cabeça fóra da portinhola, e recolheu-se immediatamente fazendo-se muito pallido. A commoção foi causada pela vista de um viajante.

Esse viajante, muito alto e robusto, era o homem, que poucas semanas antes estivera com elle no hotel. Trocou algumas palavras com o chefe da estação e seguiu o caminho da habitação em que estavam os Desherbiers.

Donaciano sahiu da carruagem só depois de o perder de vista. Estava prompto o comboio dde Namur e o nosso heróe, depois de reflectir, entrou sem ter tido tempo de comprar bilhete.

O viajante quando chegou ao hotel, almoçou, accendeu um charuto e principiou a conversar com a proprietaria, que, ao revez das suas collegas, era muito pouco communicativa.

— Ainda ha quartos?

— Ha, sim senhor.

— E convivencia com os hospedes?

— Tambem ha.

— Disseram-me que estava aqui um rapazz francez...

— Nada; isso é engano.

N'esse momente entrou o velho Desherbiers, a mulher e Paulina. Sentaram-se e principiaramm a fallar em voz baixa; mas o novo hospede podia perceber tudo, disfarçando com um jornal.

— De repente chega um correio que entregou um telegramma a Desherbiers.

— É de Donaciano! exclamou elle.

— O que diz? perguntou Paulina, commovida.

O velho entregou-lhe o papel. A rapariga leu avidamente com as mãos a tremer.

— Então que diz o telegramma? exclamou a avó.

— Diz que foi obrigado a partir subitamente para Paris, accudiu Desherbiers; mas que dentro de poucos dias estará comnosco em Bruxellas.

— Ainda bem, tornou Euphrasia; se elle ficasse em Dinant, tambem nós ficariamos aqui, e isto já me vae massando horrivelmente,

O desconhecido paga a conta, e retira-se dizendo:

— Ah! está em Dinant!... Naturalmente já lá não está quando eu chegar! É o mesmo... Eu me farei conhecido d'esta gente, e hei de dar com o miseravel.

VI

No dia seguinte Desherbiers partiu com a familia para Bruxellas, e o pintor V. ficou ainda por alguns dias.

O avô de Paulina fallara-lhe repetidas vezes no homem, que tão rapidamente conquistára o coração da neta; mas o artista, muito meticuloso por natureza, não emittia opinião.

Pouco depois da partida dos Desherbiers, o pintor achando-se á meza, entabolou conversação com um homem, que se sentou defronte, e que era o mesmo, cuja presença impressionára Donaciano.

O recem-chegado — que disse chamar-se Morlant e ser advogado — notou a ausencia da formosa menina, que vira nos dias antecedentes.

— Foi-se embora, respondeu o artista.

— Houve algum motivo?

— Não; os avós gostam de viajar; são parisienses.

— Teve occasião de conhecel-os de perto?

— Eu?... Estou aqui para fazer estudos artisticos; além d'isso não tenho idade para viver com creanças nem velhos.

— Mas, como artista, admira o bello, e portanto presta culto á belleza d'aquella senhora, e sabe quem ella é. Eu já sei que se chama Paulina, e o avô Desherbiers... o que não sei é onde vivem.

— Pois já sabe muito; ha de ser-lhe facil descobrir o resto.

Dizendo isto, o pintor V., levantou-se, comprimentou, e foi ter com a mulher do dono do hotel, dizendo-lhe:

— Vou já, já, sahir de sua casa, e dizer aos meus amigos que não venham para cá!

— Porquê, senhor?

— Digo-lhe só que faço isto, se me constar que foram dadas áquelle homem, que está na sala de jantar, quaesquer informações ácerca dos Desherbiers.

— Peço que me explique...

— Se disser alguma coisa, póde succeder uma desgraça.

Cinco minutos depois, a mulher era interrogada pelo desconhecido; mas não disse uma unica palavra.

VII

Passados tres dias da sua chegada a Bruxellas, Justino Desherbiers recebeu uma carta assignada por Magonneau, ex-director da prisão de Nancy, em que

se lhe davam as melhores informações do visconde.

«É um cavalheiro na mais lata accepção d'esta palavra», dizia a carta, e tratando de outro assumpto continuava «Approvo a resolução de prolongar a sua estada em Bruxellas; ahi será mais difficil saber-se a verdade... Acho fundados os seus receios no tocante á gentil menina, que recolheu em sua casa. É de suppôr que dotada de tão raras qualidades e com a fortuna, que o sr. Desherbiers por certo lhe deixará, possa ella fazer um bom casamento.»

O avô de Paulina ficou satisfeitissimo com o que soube do homem, que amava e pretendia casar com a neta. Contou logo tudo á mulher á interessada, e para negocio urgente." O seu regresso foi alegre e ruidosamente festejado.

VIII

N'um dos ultimos dias de junho, quando a familia Desherbiers acabou de jantar, o visconde propoz um passeio pelos boulevards; mas tinham promettido ir visitar uns compatriotas, e como Paulina se mostrasse muito contrariada, assentou-se em que a visita fosse feita pelos dois velhos, e a neta sahisse na companhia do noivo e de Celestina.

Mal tinham atravessado a praça da Rainha, do café que está n'uma das esquinas, surgiu um homem, com grande impaciencia esperou o regresso do visconde.

No dia aprazado voltou Donaciano, sendo recebido com viva alegria. Houve uma pequena festa em sua honra, e foi Celestina de Trenoy a unica pessoa estranha que assistiu.

Todos os gestos e palavras do visconde pareciam traduzir a firme resolução de esposar Paulina. Foi morar para a rua de Marais, e todos os dias passava algumas horas em casa da noiva. Deixou porém de apparecer dois ou tres dias, com grande desgosto d'ella.

Durante esse tempo tinha ido a Maestricht ver Luigi San Marco, que vindo da Allemanha cahira doente, e lhe mandara pedir que lhe fosse fallar

UM PASSADO TENEBROSO.—O desmaio

que pareceu muito perturbado. De mediana estatura, representando quarenta e cinco annos aproximadamente, trazia um fato, que dos pés á cabeça indicava uma d'essas miserias, que se não procuram encobrir. Parou alguns instantes, até que se affastassem bastante aquelles, que tanto lhe attrahiram a attenção. Depois seguiu-os de cabeça baixa. Nunca mais os perdeu de vista até voltarem para casa.

Chegados á porta, o visconde retirou-se. O observador não se mexeu, porque nada queria com elle. Celestina despediu-se tambem promettendo voltar d'ahi a pouco.

Paulina tocou duas vezes, e a creada, que veio abrir, disse-lhe que os avós ainda não tinham vindo. Paulina mandou-a comprar alguma coisa na visinhança, e a creada, que devia voltar minutos depois, deixou a porta entre-aberta. O individuo dirigiu-lhe algumas palavras, entrou em casa, subiu e bateu á porta do quarto em que estava Paulina. Esta abriu immediatamente, e ficou olhando para aquelle homem, que se descobriu, e cruzou os braços deante d'ella.

Vendo isto, recuou, deu um grito medonho, e cahiu como fulminada.

O desconhecido não contava com este incidente, porque ficou embaraçado e proferiu ulgumas palavras trahindo uma colera abafada. Depois de hesitar um momento, desceu a escada a toda a pressa, e sahiu para a rua.

O grito foi ouvido pelos creados que estavam no rez-do-chão, e que subiram logo.

Viram Paulina estendida inanimada. Collocaram-n'a sobre um divan, procuraram fazel-a tornar a si, e como o não conseguissem, mandaram chamar um medico. Entretanto voltou Justino Desherbiers só, porque a mulher ficou fazendo umas compras. Encontrou Celestina, e pediu-lhe que subisse. Imagine-se o que ambos experimentaram, achando a pobre menina n'um estado, que lhes despertou a idéa de que ella tinha morrido de repente.

(*Continua*)

Typ. e lyt. Portugueza, Calçada do Tijolo, 39. (á Rua Formosa)